

Mariana Borges Arantes

**A mãe winnicottiana e os aspectos que compõem seu ambiente no
maternar**

Uberlândia

2018

Mariana Borges Arantes

A mãe winnicottiana e os aspectos que compõem seu ambiente no materno

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Bacharel em Psicologia.

Orientador(a): Prof^ª Dr^ª Juçara Clemens

Uberlândia

2018

Mariana Borges Arantes

A mãe winnicottiana e os aspectos que compõem seu ambiente no materno

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Bacharel em Psicologia.

Orientador(a): Prof^ª Dr^ª Juçara Clemens

Banca Examinadora

Uberlândia 07 de dezembro de 2018

Prof. Dr. (Orientador)

Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia, MG

Prof. Dr. (Examinador)

Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia, MG

Prof. Dr. (Examinador)

Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia, MG

UBERLÂNDIA

2018

A mãe winnicottiana e os aspectos que compõem seu ambiente no maternar

Resumo

A relação mãe-bebê e as funções maternas são temas fundamentais no que diz respeito ao estudo da maternidade e, conseqüentemente, do desenvolvimento humano. Esse trabalho tem como objetivos discorrer, segundo o referencial psicanalítico de Donald Wood Winnicott, o que caracteriza a “mãe suficientemente boa”, o que constitui o exercício da maternagem e qual ambiente deve ser provido à mãe para favorecer sua dedicação integral ao filho. Foi realizada uma pesquisa bibliográfica direcionada a esses temas e as principais discussões foram ordenadas em subtítulos. Foram selecionados quatro artigos publicados entre o período de 2006 a 2016 que abordam a temática a partir dos descritores: maternidade; maternagem; função materna; relação mãe bebê, Winnicott e psicanálise, além de onze livros escolhidos do acervo pessoal. Esse estudo discorre sobre a concepção de que a maternagem é uma construção na qual a identificação com o bebê, as vivências da mãe, o ambiente que a ela é provido para que se sinta acolhida, o investimento psíquico e emocional que é feito por ela acerca da maternidade e do exercício do maternar são fatores que favorecem com que ela seja capaz de proporcionar o afeto e cuidados necessários para que o bebê se desenvolva de maneira saudável. A partir desse trabalho, concebendo a maternagem como uma construção única de cada mulher, é possível questionar o conceito de instinto materno compreendendo que o cuidado que o bebê necessita pode ser provido por outra pessoa que se disponha a cumprir essa função caso a mãe biológica não esteja presente.

Palavras-chave: Mãe; Maternagem; Ambiente.

Abstract

The mother-baby relationship and maternal functions are fundamental themes concerning the studies of maternity and consequently human development. The purpose of this work is to talk, according to the psychoanalytic referential of Donald Wood Winnicott, about what characterizes the “good enough mom”, what constitutes the exercise of mothering and which environment must be provided to the mother in order to favor complete dedication to her child. A bibliographic research was carried out directed to these themes and the main discussions were ordered in subheadings. Four scientific papers published between 2006 and 2016 were selected which approach the theme by the keywords: maternity; mothering; maternal functions; mother-baby relationship; Winnicott; psychoanalysis, aside from eleven books chosen from personal collection. The study discusses the concept that mothering is a construction and identification with the baby, the mother’s life experiences, the environment provided in order that she feels welcomed, the psychological investment made by her about motherhood and the maternal exercise are factors which favor her capacity of providing the affection and cares required so the baby can develop in a healthy manner. From this work, conceiving the maternage as a unique construction of each woman, it is possible to question the concept of maternal instinct, understanding that the care that the baby needs can be provided by another person who is willing to fulfill this function if the biological mother does not is present.

Keywords: Mother; Mothering; Environment.

Sumário

Introdução.....	6
A mãe winnicottiana.....	13
Os fazeres da mãe.....	18
O ambiente no materno	25
Considerações finais.....	31
Referências	34

Introdução

A relação mãe e filho e a maternidade são temas que vêm se transformando e sendo debatidos ao longo da história, prevalecendo principalmente a concepção de que a mãe é, em primeiro momento, figura principal na vida do filho. Até o século XVI não havia uma relação tão presente de amor e cuidado da mãe em relação ao seu bebê e as noções de família e infância não existiam da forma como as encaramos nos dias atuais. A maternidade até então não era considerada sinônimo de cuidados e amor materno (Stellin, Monteiro, Albuquerque & Marques, 2011).

Segundo Badinter (1985), foi em meados do século XVIII que aconteceram mudanças na forma como a maternidade era até então concebida pela sociedade. A sobrevivência e a saúde das crianças apareciam como um imperativo moral e uma nova forma da expressão do amor materno, afirmando que os cuidados da mãe são insubstituíveis para o pleno desenvolvimento do bebê. A atenção com a higiene, amamentação, carinho e cuidados ofertados pela mãe revelariam um novo amor pelo filho e para conseguir realizar esses feitos, ela deveria dedicar-se integralmente a ele. Dessa forma, progressivamente as responsabilidades da mulher são ampliadas e a maternidade toma uma nova direção, concebendo a nova mãe como a mulher que é devotada totalmente ao filho.

A obrigação de ser mãe acima de tudo entra em foco perpetuando a ideia de que a mulher possui um instinto materno e um amor espontâneo com o seu filho, concepção criticada por Badinter (1985) que considerou que essa seria mais uma imposição da sociedade patriarcal acerca da função da mulher, ela deveria sentir amor absoluto pelo filho, pois assim cumpriria a função materna como lhe era determinada.

Autoras como Badinter (1965), Dolto (1984) e Chodorow (2002) nos apresentam a concepção de que a maternidade na verdade não é um instinto feminino como foi concebida em períodos da história, mas sim uma construção sociopolítica da sociedade patriarcal acerca

do papel que a mulher deve desempenhar na sociedade. É visível que esse papel está se modificando e se modifica de tempos em tempos, pois na atualidade as mulheres têm outros interesses que não só ser dona de casa e cuidadora da família. Pode-se compreender a maternagem para além do fruto de uma construção social, mas também constituída como resultado das relações estabelecidas entre a mulher e suas referências femininas e o modelo parental ao qual foi submetida.

Chodorow (2002) criticou também o fato de serem somente as mulheres as que devotam mais tempo a cuidar do bebê e assim desenvolverem com eles seus primeiros laços afetivos. Na sociedade patriarcal foi considerado comum à mãe ocupar esse lugar de principal cuidadora dos filhos e a maternagem das mulheres foi admitida como evidente, ou seja, toda mulher deve estar disposta a realizar essa função, sendo natural que a faça. Desse modo, o papel que a mulher ocupou na família e a sua responsabilidade determinou sua posição na sociedade e essa posição foi considerada, e por muito tempo sustentada, como doméstica.

Nos dias atuais a visão da sociedade sobre a maternidade passou por mudanças significativas. Foi a partir dos movimentos feministas iniciados nas últimas décadas do século XIX, quando mulheres na Inglaterra iniciaram a luta pelos seus direitos, que a posição que a mulher ocupava na sociedade começou a se modificar. Por meio da luta feminista as mulheres conquistaram inúmeros direitos antes inexistentes como votar, trabalhar, ser independentes social e financeiramente e poder realizar a escolha de serem mães. Essas mudanças acarretaram na modificação do papel social da mulher, pois hoje lhe é permitido exercer outras funções além da doméstica, o que pode colocar em pauta o espaço que a maternidade ocupa em sua vida (Pinto, 2010).

A partir das mudanças do papel social da mulher a instituição familiar também vem se modificando e hoje a família pode ser considerada como a união de membros que se amam e que constroem uma vida juntos. Dessa forma, uma família pode ser composta por um homem

e uma mulher, duas mulheres, dois homens, casais homoafetivos e seus filhos adotivos, apenas a mãe e seu filho, mãe avó e neto ou qualquer outra configuração que seja possível, desde que pautada no amor e cuidado entre seus membros.

Diante das novas configurações familiares é possível pensar em como poderia ser imposto apenas à mulher a função de maternar sendo que a família hoje é composta por diferentes membros e refletir se as funções maternas podem ser concebidas como uma construção social que determinaram por muito tempo como e por quem seria exercido o papel principal de cuidar dos filhos. Dessa forma, caso a mulher opte por ser mãe, o que deve ser provido a ela pelo ambiente e em suas relações para que essa experiência ocorra da melhor maneira possível?

Para discorrer sobre a temática mãe e o ambiente para o maternar, escolheu-se D.W Winnicott como autor principal para nortear este estudo e por meio de suas obras procurou-se compreender as considerações que ele traçou acerca da maternidade, maternagem, relação mãe-bebê e principalmente dos aspectos relacionados à mãe nesse contexto e o ambiente para o maternar.

Winnicott elaborou a sua teoria do desenvolvimento emocional através de seus atendimentos como pediatra e psicanalista. O autor reformulou a psicanálise a partir do estudo da natureza humana unindo questões ambientais e questões psíquicas individuais (Loparic, 2006).

Ao contribuir para o entendimento da interação do bebê e sua mãe, compreendendo que o indivíduo seria sempre concebido em relação ao outro, Winnicott evidenciou a importância da relação mãe-bebê e sua relevância nos primeiros anos de vida da criança principalmente no que se refere ao seu desenvolvimento emocional. Em suas obras, discorreu sobre conceitos como interação mãe-bebê, primeiros anos de vida do bebê, “preocupação materna primária” e “mãe suficientemente boa” (Gutierrez & Pontes, 2011).

Ao realizar seu trabalho com crianças que sofriam de distúrbios psíquicos variados, Winnicott percebeu que essas crianças demonstravam problemas em seu desenvolvimento mais imaturo, ainda quando bebês. Ele acreditou que isso se derivava de falhas no ambiente ao qual essa criança estava inserida. Dessa forma, a partir dos anos 1940 ele passa a relacionar ao ambiente proporcionado ao bebê (principalmente nos primeiros anos de vida) uma importância fundamental para seu desenvolvimento saudável. (Loparic, 2006)

Como pediatra, Winnicott não cuidava apenas de crianças, mas também estabelecia contato direto com as mães e isso favoreceu sua observação sobre a relação mãe-bebê, fator de suma importância em seu trabalho. Ele atribuiu uma importância essencial à mãe para o desenvolvimento do ser humano pelo fato dela ser a primeira forma de contato do bebê com o mundo. Pode-se compreender que, de acordo com a teoria winnicottiana, um bebê não existe sem sua mãe e uma mãe também não existe sem o seu bebê. Assim, quando se fala sobre bebê e desenvolvimento do mesmo deve-se considerar as condições ambientais, a sua gestação, seu nascimento e, primordialmente, a mãe (Winnicott, 1987/2006).

De acordo com Stellin et al. (2011) quando a gravidez está em seu princípio e a mulher ainda não conseguiu sentir os movimentos do bebê dentro de sua barriga, ela pode enfrentar certa dificuldade em ter essa percepção acerca da maternidade. Na medida em que a gravidez evolui e as alterações físicas vão sendo percebidas fica cada vez mais possível conceber a ideia de que ela acaba de se tornar mãe.

No período de nove meses, em que geralmente dura uma gestação, é possível que a mãe elabore a representação psíquica do seu bebê e se prepare para a chegada deste ser tão íntimo a ela, mas que em primeiro momento pode parecer ser um estranho. Como estranho, pode-se entender que o bebê ainda é uma pessoa desconhecida para a mãe, ela (apesar de imaginar) não sabe realmente como ele se parecerá, qual será a cor dos seus olhos ou do seu

cabelo, nem como ele se comportará quando nascer e o que ele poderá despertar afetivamente (Stellin et al., 2011).

Winnicott (1965/2001) considera que quando o bebê nasce e a mãe se sente identificada com ele, esse seria o momento de fortalecimento da relação entre ela e seu bebê. Quando a mulher se identifica com o seu filho, pode se tornar capaz e desenvolver prazer no materno e nas tarefas a ele atribuídas. Visto que o bebê necessita daquilo que a mãe faz da melhor forma é imprescindível que o prazer da mãe esteja presente nesses atos a fim de evitar que essa função se torne automática e tediosa. Esse prazer pode ser fortalecido através da identificação do bebê com a mãe e quando esse corresponde aos seus estímulos, o que ajuda a fortalecer o vínculo entre eles.

Enquanto pessoa que contribui diretamente no desenvolvimento físico e emocional do bebê a mãe é à priori qualificada em proteger o seu filho na fase inicial onde ele se encontra extremamente vulnerável. Ela é supostamente a pessoa mais competente para realizar essa tarefa, pois não precisa ter uma compreensão intelectual ou procurar livros e teorias para saber o que deve ser realizado, mas sim se disponibilizar para estabelecer uma relação com seu bebê. Essa disponibilidade da mãe pode ser chamada de devoção e estes aspectos favorecem com que ela seja suficientemente boa. (Winnicott, 1964/1979)

Portanto, podemos compreender que durante a gravidez as manifestações tanto físicas quanto psíquicas são de suma importância e permitem à mulher que ela constitua uma nova função para si como mãe e na relação com o seu bebê. É por meio de todo o tempo da gestação que a mulher pode ser capaz de elaborar o significado de ser mãe, imaginar e planejar como será esse novo momento de sua vida. O processo da maternagem, que contempla tanto os aspectos relacionais quanto as tarefas atribuídas à mulher enquanto mãe pode ser considerado como uma construção que tem início na gestação e se desenvolve após o nascimento do bebê (Stellin et al., 2011).

Como Winnicott (1965/2001) considerou que o bebê é totalmente dependente de alguém para sobreviver e se desenvolver de forma saudável ele necessita dos cuidados da mãe para conseguir crescer e se inserir no mundo como pessoa. O amamentar, segurar no colo, prover os cuidados necessários à higiene são tarefas que a mãe (desde que disposta a exercer essa função) possui capacidade de desempenhar bem. Quando é desenvolvida uma relação de afeto com o bebê a identificação da mãe com seu filho é favorecida o que cria um vínculo cada vez mais forte entre eles. Dessa forma, o materno poderá se desenvolver bem desde que a mãe tenha aparatos emocionais e ambientais a seu favor.

O objetivo desse trabalho é conhecer, a partir do referencial winnicottiano, os aspectos conceituais sobre a “mãe suficientemente boa”, o que constitui o exercício da maternagem e as funções maternas e o ambiente que deve ser provido à mãe para que ela se sinta disposta a dedicar-se integralmente ao filho.

Esse trabalho trata-se de uma revisão bibliográfica realizada a partir do interesse pelo tema “relação mãe-bebê” baseado na teoria winnicottiana. A localização de estudos para o estabelecimento de critérios para inclusão e exclusão foi realizada com a seleção de artigos nacionais de autores contemporâneos que utilizam o autor D.W Winnicott como referência publicados entre o período de 2006 a 2016 por meio dos bancos de dados SciELO, PePSIC e LILACS. Devido à importância do tema na literatura psicanalítica foram utilizados também livros do acervo pessoal da autoria de D.W. Winnicott.

Para a definição das informações a serem extraídas dos estudos selecionados foram utilizados os seguintes descritores: maternidade; maternagem; função materna; relação mãe bebê, Winnicott e psicanálise. Foram encontrados cento e quatro artigos para a leitura dos resumos e excluídos artigos que não condiziam com o propósito desse estudo. Após a leitura dos resumos, foram selecionados quatro artigos que preenchiam os critérios propostos e que

foram lidos na íntegra, além de onze livros que abordam a temática e que foram utilizados para ampliar a pesquisa e realizar as discussões no decorrer deste trabalho.

Para que seja possível realizar a discussão e apresentação dos resultados sobre os aspectos da maternidade diante da ótica winnicottiana serão apresentados no decorrer do texto, alguns subtítulos que acreditamos serem de extrema importância para o aprofundamento da temática. O primeiro subtítulo é A mãe winnicottiana, e nele apresentam-se os conceitos de “preocupação materna primária” e “mãe suficientemente boa”. O segundo subtítulo é descrito como Os fazeres da mãe, onde são explicitadas algumas tarefas atribuídas ao exercício da maternagem a partir do pensar winnicottiano e as contribuições do cuidado materno no desenvolvimento da criança. O último subtítulo foi nomeado de O ambiente no maternar, onde é discorrido como o ambiente ofertado à mãe é imprescindível e favorece o maternar.

A mãe winnicottiana

Winnicott quando escreveu suas obras ou mesmo quando palestrava ao público nunca demonstrou intenção de dizer às mães o que fazer, ou ensiná-las a cuidar dos seus bebês. Pode-se observar que ele falava muito a elas, mas também às pessoas que as cercam e de alguma forma as auxiliam durante a gravidez e nos primeiros meses de vida do bebê. Ele acreditava que as mães, desde que dispostas, possuem em si um modo natural para cuidar e se dedicar ao filho e isso nenhum livro é capaz de ensinar. Dessa forma, o autor considera que os cuidados maternos surgem de uma confiança natural das mães em seus recursos próprios.

O foco da teoria winnicottiana é o desenvolvimento do bebê, antes mesmo desse nascer e nos primeiros meses e anos do seu nascimento. Porém, embora sua prática como pediatra e depois psicanalista tenha contribuído para pensar esse desenvolvimento do ser humano desde cedo, ele também destaca a interação entre esse bebê e aquela pessoa que lhe cuida: sua mãe. Assim, pode-se compreender que a mãe, ou pessoa que cumpre essa função, tem influência determinante no crescimento tanto maturacional quanto psíquico da criança.

Pensando nas modificações não apenas físicas, mas também psíquicas que a mulher-mãe sofre ao longo da gestação, Winnicott, atento a esses aspectos desenvolveu um conceito que nomeou como “preocupação materna primária”. Esse é um estado que tem início no final da gravidez e sua duração pode ir até alguns meses após o nascimento do bebê. Nele a mãe desenvolve uma sensibilidade ampliada que facilita com que ela se coloque no lugar do filho e responda a suas principais necessidades. Esta sensibilidade pode ser compreendida como uma preparação e disponibilidade para o exercício da maternagem (Winnicott, 1958/2000).

Essa sensibilidade exacerbada da mãe nos primeiros estágios da vida do bebê é o que confere a ela a capacidade de fazer a coisa certa. Ela aparenta ter uma intuição que lhe permite se colocar no lugar do bebê, e realizar adaptações quase exatas às necessidades do filho. Esse funcionamento da mãe no início da vida do seu bebê deve ser compreendido como

um estado pelo qual ela deve passar e ser capaz de superá-lo, já que ele pode ser comparado quase a uma doença, pelas alterações que traz para a vida da mulher/mãe. Apesar dessa comparação, esse estado na verdade pode ser compreendido como indicativo de boa saúde, pois a mãe deve ser saudável tanto para desenvolvê-lo quanto para recuperar-se dele (Winnicott, 1965/2001).

Diante disso, compreende-se que quando Winnicott faz a comparação desse estado a quase uma doença, é no sentido de que a mãe (quando saudável) dispõe de aparato emocional e psicológico para lidar e superar esse período onde se dedica unicamente às necessidades do filho. Porém, caso ela não consiga superar essa sensibilidade ampliada e retomar sua vida normalmente após esse período, esse estado pode manifestar sintomas como de uma doença.

Já nos últimos meses de gestação, a mãe parece desenvolver uma sintonia muito forte com o filho fazendo com que ela, de certa forma, sinta o que o bebê sente e seja capaz de dar sentido a suas manifestações e atendê-las da forma mais adequada possível. Esse período deve ser superado, pois é necessário que a mãe consiga, no decorrer do tempo, dividir sua atenção para outros aspectos de sua vida além do bebê e assim retomar suas atividades até então deixadas em segundo plano.

A mãe que desenvolve esse estado é capaz de abrir mão temporariamente de outros interesses para se atentar às necessidades do bebê nesse primeiro momento. Dessa forma, ela fornece a criança um contexto em que a sua constituição psíquica começa a se manifestar e as tendências ao desenvolvimento tomam força. Winnicott (1958/2000) considera que somente a mãe é capaz de desenvolver esse estado de “preocupação materna primária” sem ficar doente e sendo assim, ela é a pessoa mais adequada para cuidar do bebê nesse período.

É importante levar em consideração que Winnicott quando escreveu suas grandes obras falava sobre a família vigente à época. De acordo com as novas configurações, a família contemporânea pode ser composta por pais adotivos, duas mães, dois pais, pai ou mãe solteira

ou outro familiar que por qualquer motivo cumpra o exercício do maternar que seria designado previamente à mãe. Nessas situações o cuidador que se dispuser a atender às necessidades do filho o fará suficientemente bem na medida em que se identifique com ele, podendo desenvolver uma sensibilidade ampliada que pode ser comparada a “preocupação materna primária”, desde que se devote ao bebê.

Segundo Winnicott (1965/2001), o período de “preocupação materna primária” pode ser afetado por dois tipos de distúrbios maternos. De um lado temos a mãe que, por possuir interesses próprios que não consegue abandonar, não é capaz de adentrar nesse estado visto que para desenvolvê-lo ela deve estar disposta a abdicar de seus interesses pessoais em prol do seu bebê e dos cuidados que este demanda nos primeiros meses de vida. Por outro lado, temos a mãe que está sempre preocupada e que pode acabar tomando o próprio filho como uma preocupação patológica.

A mãe patologicamente preocupada apesar de demonstrar a competência necessária para abrir mão de seus interesses em favor do bebê, além de permanecer identificada por um tempo muito longo com o filho pode, antes que seja possível para essa criança ter recursos psíquicos para lidar com esse afastamento, abandonar repentinamente essa preocupação prejudicando assim o desenvolvimento do mesmo, pois é o bebê, a partir de seu desenvolvimento, que gradualmente vai liberando a mãe para que ela consiga voltar a se dedicar a outros aspectos da sua vida (Winnicott 1965/2001).

Pode-se afirmar então, de acordo com a teoria winnicottiana, que é só na presença de uma “mãe suficientemente boa”, que a criança consegue iniciar um processo de desenvolvimento emocional. Para definir o que seria “a mãe suficientemente boa”, o autor desenvolve esse conceito também o nomeando de “a mãe dedicada comum”. Esse termo surgiu a partir de uma conversa com Isa Benzi, produtora da Corporação Britânica de Radiodifusão (B.B.C) que, ao convidar Winnicott para realizar uma série de nove palestras,

sentiu a necessidade de que ele escolhesse um bom título para ser divulgado. Quando ele diz que deseja falar diretamente às mães e falar sobre coisas que elas, como eram dedicadas à tarefa de cuidar do seu bebê, já realizavam bem, Isa deu a ideia de usar como título “a mãe dedicada comum” (Winnicott, 1965/2001).

Sendo assim, os termos “mãe suficientemente boa” e “mãe dedicada comum” têm o mesmo sentido, sendo o primeiro usado de maneira mais formal no decorrer da teoria winnicottiana e o segundo usado quando o autor se dirigia ao público em suas entrevistas e palestras (Winnicott, 1987/2006).

A dedicação pode ser entendida como uma adaptação sensível e ativa às necessidades do bebê que a mãe possui sem que isso precise lhe ser ensinado. (Winnicott, 1948/1952) Quando o bebê está para nascer, a mãe, desde que amparada pelo meio, já tem certo conhecimento de quais cuidados o filho precisará, pois ela também já foi um bebê e pode usar de suas lembranças para ajudá-la por meio de suas próprias vivências de quando foi um bebê e cuidada por sua mãe (Winnicott, 1987/2006).

Sendo assim, é possível compreender a mãe winnicottiana como a mãe dedicada ao seu filho, que abdica de seus interesses próprios em prol do bebê em seus primeiros meses de vida e que, à medida que o bebê vai lhe permitindo, consegue retomar suas atividades anteriores a seu nascimento. É importante frisar que não é necessário que as mães fiquem obcecadas ou pensando somente em quais são os cuidados que deverão prover ao seu filho, visto que isso depende totalmente da singularidade de cada bebê e do vínculo entre os dois. Desse modo, o que se estabelece entre mãe e bebê não está pronto e será construído entre ambos.

Como ressaltado anteriormente no subtítulo Maternidade, o período da gestação é um tempo precioso para que a mãe consiga se preparar para a chegada do filho e ao longo desse tempo ela passa por diversas transformações que a tornam cada vez mais aptas a desempenhar

essa tarefa, assim quando o bebê nasce a mãe poderá se disponibilizar a dar sentido ao que é mais adequado a ser realizado em cada momento e diante de cada necessidade do seu bebê.

Os fazeres da mãe

Como abordado anteriormente, o estado de “preocupação materna primária” se mostra de extrema importância no sentido de que favorece à mãe sensibilidade e disposição necessária para dedicar-se integralmente ao bebê nos primeiros meses. Pode-se compreender que esse estado só é bem desenvolvido e superado quando a mãe, identificada com o seu bebê (identificação essa que tem início na gravidez), é capaz e demonstra interesse em atendê-lo em suas necessidades.

Diante disso, é possível descrever algumas tarefas atribuídas à “mãe suficientemente boa” no primeiro ano de vida do bebê e que constituem a maternagem. Winnicott (1965/2001) descreve três funções relacionadas ao materno e que são essenciais nesse processo, sendo eles: o *holding* (segurar), *handling* (manipular) e a apresentação de objetos.

Como forma de contextualizar essas funções é necessário discorrer sobre um dos conceitos que Winnicott (1986/2005) elabora com o intuito de investigar o que acontece nos primeiros estágios do desenvolvimento emocional já que as funções maternas estão intimamente relacionadas às etapas do desenvolvimento emocional do bebê. Esse conceito é o da integração, que abarca basicamente todas as tarefas do desenvolvimento. A integração favorece com que o bebê saia de sua solidão existencial, pois em primeiro momento ele acredita que o mundo e tudo a sua volta é uma extensão dele. Por meio da integração é possível que o bebê realize a construção do EU.

A integração pode ser definida como processo que, diante das experiências, fornece sentido a elas. Dessa forma, toda experiência que o bebê integra, o constitui como sujeito. Para que a integração seja possível, o ambiente deve ser suficientemente bom, que não antecipa ou atrasa o processo individual do bebê, visto que cada criança tem seu tempo e suas necessidades devem ser atendidas no momento que ela demonstra necessário nem antes, nem depois. Para que o bebê consiga realizar esse processo é necessário que alguém (que cumpre a

função do materno) sustente tudo em sua volta para que assim ele vá amadurecendo. Sendo assim, é o ambiente que precisa fornecer o que é necessário para que a integração seja possível. Vivenciar experiências e integrá-las fortalece o indivíduo em seu amadurecimento normal de forma que ele consiga constituir um EU (Dias, 2003).

Sendo a integração um processo que se desenvolve de acordo com a singularidade de cada bebê, para que isso aconteça de forma suficientemente boa são necessárias certas condições ambientais. Winnicott (1965/2001) acredita que essas condições são mais bem providas pela própria mãe da criança.

É através da identificação da mãe com o seu bebê que é possível que ela se torne o ambiente favorável e se adapte às demandas do filho, percebendo o que auxilia em seu desenvolvimento. Para integrar experiências, é necessário que o bebê seja inserido no tempo e no espaço e isso acontece primeiramente através da rotina. Na maternidade essa rotina deve ser adaptada à realidade da mãe e a relação da dupla mãe-bebê. A construção do tempo para o bebê se dá através das suas experiências corpóreas e isso pode ser provido pelo ambiente através de cuidados físicos e experiências vividas no tempo certo, tempo esse que apenas o bebê conseguirá definir. A mãe, quando devotada ao filho, é capaz de ter a sensibilidade para perceber essas necessidades e contribuir da forma necessária. O *holding* é uma forma de estabelecer essa rotina (Dias, 2003).

O *holding* pode ser definido como um conjunto de cuidados onde a mãe (ou a pessoa que cumpre esse papel) protege o bebê de agressões fisiológicas levando em conta sua sensibilidade cutânea, e a falta de conhecimento que ele tem sobre si mesmo nesse estágio tão precoce. Apesar de essa função ser especialmente caracterizada pelo fato de segurar o bebê da maneira adequada, ela inclui também a rotina completa de cuidados que ele precisa como deixá-lo aquecido, preparar o banho na temperatura ideal, cuidados com a higiene e alimentá-lo nas horas necessárias (Winnicott, 1965/2001).

Dessa forma, pode-se entender que o *holding* se consolida a partir do contato físico da mãe com o seu bebê. Ao segurá-lo no colo, a mãe fornece ao filho a sensação de proteção e ao mesmo tempo o estimula pelo contato pele a pele. Através dessa função a mãe proporciona ao seu bebê a sensação de estabilidade, segurança e amparo, aspectos essenciais ao desenvolvimento humano.

Winnicott (1986/2005) entende que o primeiro sentido de realidade humana é subjetiva e começa pelo corpo. Sendo assim, é o corpo que o insere na realidade e desenvolve o conceito de personalização. Personalização pode ser compreendida como a integração da psique-soma, uma parceria entre corpo e psique. É o que faz com que o bebê sinta que seu corpo lhe pertence e se identifique com ele. Sabendo que as primeiras experiências são corporais, não existe uma dualidade psique e soma, somos constituídos por essa relação psique-soma.

A personalização pode ser promovida através do *handling*. Essa função da mãe se realiza no atendimento às necessidades do bebê para que ele seja capaz de integrar essa experiência corpórea. Os cuidados físicos fornecidos ao bebê como manipular seu corpo, dar banho ou amamentá-lo colaboram na obtenção da integração psique-soma e permite com que ele se sinta em harmonia consigo mesmo e caminhe rumo a personalização. (Dias, 2003)

O *handling* é descrito por Winnicott (1965/2001) como a manipulação corporal que auxilia na formação da parceria psique-soma, que favorecerá bebê a começar o processo de identificação do próprio corpo. Dessa forma, o que acontece com o corpo será elaborado pelo psiquismo do bebê de acordo com o seu desenvolvimento. Para isto, é necessário à mãe, realizar esse manejo de forma que seu filho desfrute da experiência funcional de seu corpo. Como é necessário ao bebê que o ambiente forneça experiências de uma forma que ele seja capaz de integrá-las, é necessário que a mãe favoreça essas experiências do filho através dessa manipulação.

Quando as necessidades do bebê são atendidas de forma adequada, isso favorece o fortalecimento da relação psique-soma. Quando ocorrem falhas por parte do ambiente em corresponder a essas necessidades, a criança não é capaz de integrar as experiências corporais relacionando-as com a psique. Isso faz com que ela não sinta com toda intensidade as sensações relacionadas a seu corpo.

Segundo Winnicott (1965/2001), bebês que encontraram falhas de adaptação do ambiente podem experienciar uma desconexão da psique-soma e passar por fases onde é difícil para ele retornar ao próprio corpo, como por exemplo, acordar de um sono profundo. As mães, sabendo disso, já têm a noção de que é necessário, ao pegar uma criança adormecida, ir acordando-a gradualmente de forma delicada para que uma mudança de posição quando a psique está ausente não cause pânico. Essa ausência de psique também pode gerar na criança palidez, suor, diminuição da temperatura e vômitos. As falhas no ambiente podem ser impeditivas do crescimento e não permitirem a integração de novas experiências, o que faz com que o bebê cresça mais fragilizado em certos aspectos.

A apresentação de objetos, que também é considerada como uma das funções principais da mãe é o que inicia a capacidade do bebê de relacionar-se com outros objetos e entrar em contato com a realidade externa que o cerca. À medida em que o bebê se desenvolve, ele é estimulado a relacionar-se com objetos. Isso só ocorre de maneira efetiva quando o mundo é apresentado a ele de maneira adequada. A mãe devotada tem a sensibilidade de agir de acordo com as necessidades do bebê, apresentando a ele os objetos que são necessários em cada momento. (Winnicott, 1965/2001)

A mãe que consegue funcionar como um agente adaptativo apresenta o mundo de forma a que o bebê comece com um suprimento da experiência de onipotência, que constitui o alicerce apropriado para que ele, depois, entre em acordo com o princípio da realidade. (Winnicott, 1986/2005, p. 13)

Isso significa que a apresentação de objetos é uma função materna que também favorece para que o bebê saia de sua solidão existencial, pois é por meio dela que ele é capaz de criar e compreender o mundo e a sua realidade.

No início é necessário que a mãe se adapte de modo exato às necessidades do filho, visto que ele está em estado de dependência absoluta e necessita de uma mãe-ambiente para se desenvolver de maneira saudável. À medida que a criança cresce, é possibilitado e desejável que a mãe possa ser malsucedida em suas tarefas. Isso acontece, pois a mente e os processos intelectuais da criança a tornam apta a considerar e aceitar certas falhas de adaptação sem que essas causem prejuízos (Winnicott, 1965/2001).

Visto que a mente depende totalmente das partes do cérebro que se desenvolvem mais tardiamente, “na criação de um filho, a mãe é dependente dos processos intelectuais deste, e são eles que aos poucos a tornam apta a readquirir sua vida própria” (Winnicott, 1965/2001, p.9). Com um ano a criança já desenvolveu de maneira adequada os fundamentos de uma mente. A mente infantil é capaz de auxiliar a mãe em suas funções, mas isso varia de criança para criança e do desenvolvimento de cada uma. Grande parte das mães é capaz de se adaptar a boa ou má capacidade mental dos filhos, e avançar de acordo com o ritmo da criança. Dessa maneira, o desenvolvimento da mente da criança favorece a mãe atenuando-a de parte de suas funções (Winnicott, 1965/2001).

Winnicott (1965/2001) aponta que como o ser humano nasce para crescer, a tendência ao desenvolvimento é algo inato; desse modo crescemos no tempo e somos favorecidos quando em contato com um ambiente suficientemente bom. O desenvolvimento saudável corresponde a um processo de maturação e crescimento do corpo e suas funções, bem como ao acúmulo das experiências pessoais de vida. Esse processo só acontece em um ambiente favorável onde às condições são suficientemente boas.

O desenvolvimento emocional acontece desde o início da vida do bebê e até a experiência do nascimento tem seu significado. Como acontecem muitas mudanças no primeiro ano de vida, e isso é determinante do desenvolvimento emocional, no começo a criança necessita de um nível de adaptação ativa de quem a cuida onde suas necessidades só podem ser atendidas por uma pessoa devotada a ela e aos cuidados que ela precisa. Dessa forma, a importância do ambiente nos primórdios da vida é absoluta (Winnicott, 1965/2001).

Uma das grandes mudanças que é possível observar nos primeiros anos de vida é a conquista da independência do bebê. No princípio, a dependência deste é absoluta e desconhecida a nível consciente. Com o passar do tempo ela se torna, em certos pontos, conhecida e isso faz com que o bebê consiga demonstrar o que é necessário para que ele caminhe rumo à independência. Esse movimento da dependência absoluta à independência não é somente inato pela tendência do ser humano a desenvolver-se, mas só é capaz de acontecer quando se manifesta em outra pessoa uma adaptação muito sensível às necessidades da criança. Nessas e em outras questões, a mãe é a pessoa mais apropriada a desempenhar essa função, pois ela possui maior probabilidade de se entregar a essa tarefa e se dispor de forma mais devotada à criação do filho (Winnicott, 1965/2001).

O fato de a mãe ter a sensibilidade de saber quando segurar o filho, mudá-lo de posição ou apresentar objetos a ele faz com que isso crie um sentimento de unidade e auxilia na auto percepção do bebê. Todos esses gestos sutis e perceptíveis pela mãe ao longo do tempo vão fazendo com que o bebê se sinta real e continue a desenvolver seu processo de maturação. Quando existem essas condições, o bebê desenvolve a capacidade de ter sentimentos que correspondem aos sentimentos da mãe que o cuida (Winnicott, 1987/2006).

A “mãe dedicada comum” surge como facilitadora dos estágios iniciais dos processos de desenvolvimento emocional do seu bebê. Esse cuidado e essa atenção que as mães dão aos seus bebês são necessários para o desenvolvimento da autonomia no mesmo. Quando é

fornecido ao bebê um ambiente suficientemente bom, onde suas necessidades são atendidas, isso possibilita que ele comece a existir, tenha experiências e enfrente adversidades constituindo o seu EU (Winnicott, 1987/2006).

O ambiente no materno

Pensando na contribuição de Winnicott sobre quais atribuições são impostas às mulheres quando se percebem na condição de futura mãe e como ela atua como o ambiente facilitador para seu filho, alguns questionamentos surgiram acerca do que seria então o ambiente facilitador para essa mãe.

Visto que a maternagem tem função determinante no desenvolvimento saudável do sujeito, é importante salientar as condições que favorecem a devoção da mãe ao seu bebê. Dessa forma, buscou-se compreender qual seria o cenário mais adequado e quais cuidados a mãe necessita para que seja possível cumprir com sua função de modo mais seguro e confortável possível.

O conceito de ambiente¹ pode ser considerado como a base da teoria winnicottiana, pois se acredita que um indivíduo só se constitui como tal quando é cuidado por outra pessoa. Sendo assim o ser humano é um ser complexo e seu desenvolvimento se dá através de seu potencial inato e o ambiente ao qual ele está inserido. Dessa forma, “o que existe é uma unidade, que pode ser expressa como conjunto ambiente-indivíduo” (Winnicott, 1988/1990, p.179).

Winnicott considera que quando esse meio ambiente consegue oferecer condições adequadas, no que diz respeito a atender as necessidades do indivíduo, esse seria então o meio ambiente suficientemente bom, ou seja, um ambiente capaz de suprir as demandas do sujeito diante de cada fase de seu desenvolvimento. Assim, o que é fornecido em um momento pode não ser necessário em outro, podendo até esse não fornecimento ser considerado adequado,

¹ No desenvolvimento do conceito de ambiente pode-se encontrar também a expressão “meio ambiente” onde Winnicott se refere a “um lugar, espaço ou veículo propiciador de condições físicas e psicológicas para o viver do indivíduo” (Serralha, 2016, p.35).

pois se deve ter sensibilidade para perceber as necessidades de cada um que são únicas e individuais (Serralha, 2016).

Winnicott (1958/2000) atribuiu à mãe esse papel tão vital na vida do filho. Ela é capaz de propiciar o ambiente suficientemente bom, pois como está identificada com seu bebê, fica atenta a suas necessidades. Sendo assim, a mãe é considerada o ambiente inicial e sua função tem importância determinante na vida do filho.

Winnicott demonstrou se preocupar com a relação que a mãe desenvolve com o seu bebê principalmente pouco antes do parto e nos primeiros meses de vida do filho e por isso considerou que alguém precisaria agir em prol dessas mães, principalmente as de “primeira viagem”, que estariam tendo a primeira experiência da maternidade. Ele considera que essa jovem mãe precisa de todo o suporte necessário para que consiga se dedicar à função materna. Inicialmente já na gravidez, a mãe necessita de informação bem como proteção tanto em termos físicos quanto emocionais (Winnicott, 1986/2005).

A mãe necessita de uma equipe médica conhecida e em que ela confie plenamente para que a gravidez e o parto aconteçam da melhor forma possível, do suporte do companheiro ou pai de seu bebê, e de sua família ou pessoas que estejam devotados a ela nesse momento de tanta sensibilidade. Diante disso, é essencial que todas essas pessoas se juntem em um trabalho coletivo que favoreça o vínculo entre a mãe e seu bebê e permita que ela possa se dedicar exclusivamente a ele nesses primeiros meses (Winnicott, 1986/2005).

Visto que a maternagem é uma construção e seu processo pode começar mesmo antes da mãe se perceber grávida, no que diz respeito a esse período da gravidez até o parto, precisamos nos atentar em como está sendo o acompanhamento da gravidez pela equipe médica responsável. É necessário perceber que o trabalho da equipe médica deve considerar que o melhor que eles podem oferecer a mãe é respeito e ao mesmo tempo facilitar esse

processo do modo que a mãe julgue necessário, desde que isso não coloque em risco a vida dela ou de seu filho.

Winnicott (1965/2001) percebeu a relação da equipe médica com a mãe e considerou importante estar atento ao estado de saúde ou perturbação psiquiátrica possíveis da mãe. A paciente considerada saudável pode ser compreendida como madura e capaz de tomar as decisões necessárias que dizem respeito a sua gravidez e a saúde do seu filho. A mãe, mesmo que saudável, necessita do auxílio da equipe médica para orientá-la nesse processo, porém é importante que as decisões e vontades da mãe sejam respeitadas e acolhidas pela equipe dentro dos limites possíveis.

Outro fator importante é que a mãe conheça essa equipe, pois só será capaz de confiar e se deixar ser dependente nesse período se houver esse vínculo positivo entre ela e as pessoas que estarão a acompanhando tanto no processo da gravidez, quanto no momento do parto. Por isso, conhecer a equipe é uma tarefa importante a ser realizada durante a gravidez, pois a mãe tem o tempo necessário para desenvolver esse vínculo. Diante disso, ou a mãe confia na equipe e é capaz de delegar sua vida e a de seu filho aos cuidados de terceiros, ou não confia e pode sentir profundo medo de que algo possa dar errado, fazendo com que se sinta responsável por evitar qualquer acidente. Sendo assim, as pessoas em que a mãe confia e espera que cumpram sua função de modo adequado, devem lhe prestar todos os esclarecimentos necessários desde o pré-natal até o momento do parto; isso faz com que ela se sinta mais segura e parte ativa desse processo, diminuindo assim suas preocupações e angústias (Winnicott, 1965/2001).

Pensando na mãe doente considerada por Winnicott, esta pode ser imatura emocionalmente, talvez ansiosa, deprimida, confusa ou desconfiada. Nesses casos cabe à equipe médica ser capaz de realizar um diagnóstico sobre a situação em que se encontra essa mãe e para isto é necessário conhecê-la antes do final da gravidez. A mãe sadia necessita de

informação, sentir-se confiante e ativa; já a mãe doente precisa de cuidados mais especiais, precisa de segurança e se sentir cuidada. É possível perceber que muitas mães se encaixam entre esses dois extremos, passando por momentos mais saudáveis e por outros onde se encontram mais vulneráveis e confusas. Isto deve ser considerado pela equipe para não tomar todas as mães como imaturas, até porque maioria delas é plenamente capaz de passar por esse período de forma saudável (Winnicott, 1965/2001).

Quando falamos sobre ambiente para o materno, não podemos desconsiderar a função do pai nesse cenário, visto que ele também desempenha um papel importante na vida do bebê. No decorrer de seu trabalho, Winnicott se deparou com um questionamento frequente das mães sobre o papel do pai na criação do bebê, pois elas sentiam dificuldade em saber quando utilizar do auxílio do companheiro ou pai do seu bebê e quando não o queriam por perto. A presença do pai, em primeiro momento, é fator importante para suprir as necessidades da mãe e necessária para fazer com que a mãe se sinta “bem em seu corpo e feliz em seu espírito” (Winnicott, 1964/1979, p.129).

Winnicott determina dois papéis complementares e importantes no mesmo nível no que se diz respeito a construir um ambiente favorável ao desenvolvimento saudável da criança, o papel materno e o papel paterno. Ao encarar o papel materno como ambiente facilitador, o autor o nomeia como “mãe suficientemente boa”, da mesma forma, pode-se referir ao papel paterno facilitador como “pai suficientemente bom”. Compreende-se então que quando não é possível que a mãe biológica ou o pai biológico estejam presentes, os seus papéis podem ser desempenhados por outras pessoas, desde que se disponham e tenham a sensibilidade necessária para cumprir essa função. (Serralha, 2016). Para a autora:

Assim, por exemplo, no caso de uma mãe, que não tenha o pai ao seu lado, o papel paterno inicial poderá ser desempenhado pela avó, por uma vizinha, ou uma assistente social. Isso permite compreender, na teoria winnicottiana que não existe uma “mãe suficientemente boa” sem um “pai suficientemente bom”. (Serralha, 2016, p. 40)

Para Winnicott (1965/1983), o pai antes de exercer sua função paterna com o bebê desempenha um papel essencial de sustentar a “preocupação materna primária” da mãe, isso faz com que ela se liberte de preocupações externas, o que é fator importante nesse ambiente inicial, pois a mãe precisa estar devotada totalmente ao bebê. Sendo assim, a função paterna é importante, pois esse apoio do pai ajuda a mãe a não sentir tanto medo, visto que uma mãe aterrorizada e que se sinta desamparada tem mais dificuldades em se identificar com o seu bebê. Pode-se compreender que o pai atua como mediador entre a mãe e seu bebê nos primeiros meses de vida deste.

Diante de uma não participação do pai (ou de alguém que cumpra essa função) nesse cenário, a mãe, se sentindo desamparada, além de poder apresentar dificuldade na identificação com o seu bebê, também pode se sentir sobrecarregada e culpada por todo e qualquer problema no desenvolvimento do filho, tomando para si a responsabilidade de não ter fornecido um ambiente suficientemente bom (Winnicott, 1965/1983).

Winnicott (1988/1990), acredita que a capacidade de exercer essa função paterna depende diretamente do nível de amadurecimento pessoal do pai que, se amadurecido, consegue se preocupar com a mulher que engravidou e com seu próprio filho, sendo solícito em seu papel. Porém, é possível perceber que, em vários casos, o pai não exerce seu papel de forma necessária devido a questões de falhas em seu próprio amadurecimento. Dessa forma, a família ou alguma pessoa do convívio pessoal da mãe precisará assumir esse papel, visto que é necessário à mãe esse apoio.

O *holding*, ou seja, a necessidade de ser sustentado acompanha o indivíduo ao longo de sua vida variando de acordo com seu grau de dependência, por isso durante a maternagem existe essa demanda por parte da mãe que deve ser sustentada em suas necessidades, pois se encontra em um estado temporário de dependência seja da equipe médica, do pai do bebê ou da sua família. Assim, pode-se compreender que a mãe também necessita de um ambiente

facilitador para que seja capaz de se identificar com o seu bebê e desempenhar sua função da melhor forma possível (Santos & Motta, 2014).

Winnicott, (1987/2006) considera que como a mãe também uma vez fora um bebê, ela carrega lembranças dessa fase e assim guarda memórias sobre a forma que foi cuidada. Essas lembranças podem ser favoráveis ou desfavoráveis em sua própria experiência como mãe, fazendo com que ela reproduza ou repudie aspectos de sua própria experiência. A história pessoal e trajetória da mulher até o momento que se percebe mãe é muito importante de ser considerada.

Assim, quando se fala sobre o papel que a família exerce como ambiente facilitador para a mãe, é preciso se atentar a vivência que essa mãe teve em primeiro lugar como filha e aos cuidados que essa recebeu, principalmente na relação com sua própria mãe, pois isso influencia diretamente no modo em que irá exercer sua função materna.

Considerações finais

No que se diz respeito à mulher devemos levar em consideração como o seu papel na sociedade vem se modificando. Se antes ela era a dona de casa e responsável por todos os afazeres domésticos e cuidados referentes ao lar, marido e filhos, hoje a mulher pode (e deve) se sentir capaz de realizar qualquer atividade que seja de seu interesse. Essa mudança só foi possível a partir do momento em que algumas mulheres se uniram e decidiram falar por si mesmas e reivindicarem um lugar que era delas por direito.

Porém, ainda hoje, muito se fala sobre a maternidade ainda nos moldes antigos. Percebendo a mãe como única pessoa capaz de prover ao filho o que ele necessita e por essa visão ainda ser muito presente na atualidade, a sociedade ainda sustenta a crença de que as mulheres tenham em si um instinto materno que as fazem capazes de abdicar de seus planos, projetos e desejos para cumprir o papel de mãe. Desse modo, mesmo com as conquistas feministas, a maternagem pode pressionar a mulher novamente ao lar, a questões domésticas e a se sentir culpada por querer retornar sua vida laboral.

A partir desse trabalho, é possível refletir se a mulher realmente tem em si esse instinto, pois a maternidade não tem receita pronta. Nem toda mulher está preparada para cumprir as funções de mãe e nem toda mulher deseja essas funções. Além disso, apesar de Winnicott considerar que a mãe biológica é a pessoa mais adequada a cuidar do seu bebê, acreditamos que quando ela está ausente esse cuidado pode ser realizado de forma suficientemente boa desde que outra pessoa se disponha a cumprir essa função. Sendo assim, como a maternidade seria um instinto natural apenas da mulher? É preciso compreender que o que compõe um ambiente facilitador para o bebê é primeiramente a disposição em cuidá-lo, amá-lo e atendê-lo da melhor forma possível, e isso acreditamos que não só a mãe biológica é capaz de prover.

Cada mulher é única e seria equivocado afirmar que todas interpretam a gravidez e os processos da maternidade da mesma forma, pois isso depende do aparato psíquico e emocional que foi constituído durante toda uma vida. Devemos considerar, antes de qualquer coisa, a realidade em que a mulher está inserida, quais foram suas experiências enquanto filha, quais são seus projetos de vida e para o futuro e qual a rede de apoio que compõe o seu ambiente para poder começar a compreender o que faz cada mãe ser do jeito que é.

Quando a mulher se sente segura e disposta a cumprir com a função materna, ela pode ser capaz de desempenhar o que lhe é esperado: prover cuidados físicos e dar afeto ao seu bebê. Nem sempre isso é tarefa fácil, as mães ainda em muitos momentos podem se perceber sem saber o que fazer, errando, tendo dúvidas e sentindo medo. Isso que faz delas seres humanos que errando, tentam acertar. Quando consideramos tudo o que envolve a mulher nesse processo tão intenso que é a maternidade, podemos contribuir para que sejam diminuídas as cobranças e expectativas e tratá-las com mais compreensão e suporte, oferecendo todo apoio a essas mulheres que muito fizeram e ainda farão pelos seus filhos.

Os aspectos técnicos nos subsidiam para pensar as nuances nas quais o ambiente pode auxiliar a mãe na gestação e, principalmente, no final da gestação em que sua sensibilidade está ampliada. Assim, uma mulher pode apresentar um espectro de manifestações emocionais que caberia à equipe, sua família e pessoas próximas acolherem e auxiliarem. Porém, pensando na grande maioria de mulheres gestantes e puérperas em nosso país, no qual as condições de atendimento de saúde são precárias, com alta rotatividade de pessoal, como uma mulher poderá sentir-se acolhida pela equipe de saúde? Quais poderiam ser os pontos de ancoragem para este viver tão singular e sensível? Acreditamos que o trabalho do psicólogo pode e deve ser fundamental, além da presença da rede de apoio familiar de cada mulher. Esse trabalho pode acontecer em maternidades, Unidades Básicas de Saúde, bancos de leite e

qualquer local que a gestante e puérpera busquem auxílio, procurando encontrar acolhimento e facilitação para o estabelecimento de vínculo com o seu bebê.

Referências

- Badinter, E. (1985). *Um Amor Conquistado - o Mito do Amor Materno*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.
- Dias, E. O. (2003). *A teoria do amadurecimento de D.W. Winnicott*. Rio de Janeiro: Imago.
- Dolto, F. (1984) A gênese do sentimento materno: esclarecimento psicanalítico da função simbólica feminina. In F. Dolto. *No jogo do desejo: ensaios clínicos* (pp. 210-218). Rio de Janeiro: Zahar.
- Gutierrez, D. M. D. & Pontes, K. D. da S. (2011). Vínculos mãe-filho: reflexões históricas e conceituais à luz da psicanálise e da transmissão psíquica entre gerações. *Revista NUFEN*, 3(2), 3-24. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912011000200002
- Loparic, Z. (2006). De Freud a Winnicott: aspectos de uma mudança paradigmática. *Winnicott e-prints*, 1(1), 1-29. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-432X2006000100004
- Santos, K. D. & Motta, I. F. (2014). O significado da maternidade na trajetória de três jovens mães: um estudo psicanalítico. *Estudos de Psicologia*, 31(4), 517-525. Recuperado de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2014000400006&lng=pt&tlng=pt. doi:10.1590/0103-166X2014000400006
- Serralha, C. A. (2016). *O ambiente facilitador winnicottiano: teoria e prática clínica*. Curitiba: CRV.
- Stellin, R. M. R., Monteiro, C.F.A., Albuquerque R.A., & Marques, C.M.X.C. (2011) Processos de construção de maternagem. Feminilidade e maternagem: recursos psíquicos para o exercício da maternagem em suas singularidades. *Estilos clin.*, 16(1), 170-185. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282011000100010
- Winnicott, D. W. (1979). *A criança e seu mundo* (Á. Cabral, Trad., 5a ed.). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1964)
- Winnicott, D. W. (1983). *O ambiente e os processos de maturação* (I. C. S. Ortiz, Trad.). Porto Alegre: Artmed. (Trabalho original publicado em 1965)
- Winnicott, D. W. (1990). *Natureza humana* (D. L. Bogomoletz, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1988)
- Winnicott, D. W. (2000). *Textos selecionados – Da pediatria à psicanálise* (D. Bogomoletz, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1958)
- Winnicott, D. W. (2001). *A família e o desenvolvimento individual* (M. B. Cipolla, Trad., 2a ed.) São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1965)
- Winnicott, D. W. (2005). *Tudo começa em casa* (P. Sandler, Trad., 4a ed.). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1986)

Winnicott, D. W. (2006). *Os bebês e suas mães* (J. L. Camargo, Trad., 3a ed.) São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1987)